

O indisciplinado incompetente a partir da autoajuda para educadores

Dimitrius Gonçalves Machado¹ 

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a categorização do sujeito indisciplinado na atualidade a partir da autoajuda voltada a educadores. O material empírico foi delimitado a partir da escolha do autor Augusto Cury, devido a sua alta circulação e produção para educadores. Desenvolvo este estudo na perspectiva pós-estruturalista, principalmente com os estudos foucaultianos no domínio de Ser-poder. Como resultado pude constatar a emergência de um indisciplinado que adjectivei como incompetente. Alguém agressivo, inquieto, que perturba a aula e, portanto, prejudica a si e aos outros na aprendizagem da autogestão. Sendo um inflexível e de fraca resiliência para enfrentar os desafios da vida e ter sucesso.

Palavras-chave: Disciplina; Análise de discurso; Autoajuda.

Abstract

The incompetent undisciplined from the self-improvement for educators

This research aims to analyze the categorization of the undisciplined subject in the present time based on self-help aimed at educators. The empirical material was delimited from the choice of the author Augusto Cury, due to his high circulation and production for educators. I develop this study in the post-structuralist perspective, mainly with Foucauldian studies in the domain of being-power. As a result, I could see the emergence of an undisciplined person that I adjectivize as incompetent. Someone aggressive, restless, who disrupts the class and therefore harms himself and others in learning self-management. Being an inflexible and poor resilience to face life's challenges and succeed.

Keywords: Discipline; Discursive analyses; Self-improvement.

Resumen

El indisciplinado incompetente desde la autoayuda para los educadores

Esta investigación pretende analizar la categorización del sujeto indisciplinado en la actualidad a partir de la autoayuda dirigida a los educadores. El material empírico fue delimitado a partir de la elección del autor Augusto Cury, debido a su alta circulación y producción para educadores. Desarrollo este estudio en la perspectiva post-estruturalista, principalmente con los estudios foucaultianos en el dominio del Ser-poder. Como resultado pude comprobar la aparición de una persona indisciplinada a la que califico de incompetente. Alguien agresivo, inquieto, que altera la clase y por tanto se perjudica a sí mismo y a los demás en el aprendizaje de la autogestión. Ser inflexible y tener poca resiliencia para afrontar los retos de la vida y triunfar.

Palabras clave: Disciplina; Análisis del discurso; Autoayuda.

¹ Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), Canoas, Brasil.

Introdução

Ao tomar os processos de subjetivação atuais como um foco, reconheço a escola – desde a modernidade e, ao mesmo tempo, possibilitando a existência do que conhecemos como modernidade – como instituição disciplinar central na produção de sujeitos de determinado modo e que respondam a certas necessidades de uma época e que sejam governáveis. Compreendendo a noção de sujeito não como um ponto de partida criador e consciente de si, mas como produto de relações singulares de poder, saber e ética (Veiga-Neto, 2016). É partindo desse ponto que coloco como problema deste estudo analisar de que modo vem sendo produzidas as relações de poder e saber na direção de formular categorizações de certos sujeitos e não outros como indisciplinados na escola. Uma maneira de delimitar o que me proponho é a partir do conceito que Foucault (1995) chamou de práticas divisoras: práticas nas quais o sujeito é dividido tanto no seu interior quanto em relação a outros, esquadrinhado, classificado e objetivado diante de certos mecanismos.

É também com essas práticas divisoras que podemos compreender um traçado histórico dos modos de individualização e produção do Eu. Pesquisas como a de Dora Marín-Díaz (2012) nos ajudam a compreender esse Eu que não é dado por uma transcendência, mas produzido por exercícios, por antropotécnicas. São por crescentes e cada vez mais complexos mecanismos de individualização que o eixo de governo de si funciona na governamentalização da sociedade, de modo que a condução das condutas sobre si e os outros torna-se um problema emergente.

A individualização [...] pode ser descrita como esse processo de identificação permanente através do qual, nos últimos séculos, temos tentado consolidar essa forma de interioridade que denominamos eu, em meio a importantes transformações na organização das sociedades modernas (Marín-Díaz, 2012, p. 105).

Com uma gradual articulação e aprofundamento em torno de por quem e de que maneira se deve conduzir a si, aos outros e a vida que se dá o nascimento dos saberes psis (Psicologia, Psiquiatria etc.), bem como objetos sociológicos que articulam as noções de público/privado e sociedade/sujeito. Dessa forma podemos compreender que houve uma expansão dos parâmetros de “reconhecimento” e fixação de quem se é “mesmo”, uma produção da constante de verdades sobre si que delimitam uma suposta essência de cada indivíduo. Indivíduo livre para escolher sua própria vida e, como se pôde ver com ênfase no objeto deste estudo, protagonista da própria história.

É nesse ponto que, a partir do século XIX e se estabelecendo no século XX, aparece a produção da literatura de autoajuda e que toma cada vez maior espaço na articulação de fixação de quem se é e busca por melhor condução de si mesmo diante dos desafios no tempo em que se vive. Assunto que será retomado mais adiante ao delimitar essa questão no *corpus* de análise.

Há ainda outro elemento a ser abordado acerca da autoajuda antes de apontar para o transbordamento que atento: o caráter pedagógico. De acordo com Marín-Díaz (2012),

[...] os discursos de autoajuda são considerados como discursos pedagógicos, porque são usados para modificar a conduta dos indivíduos pela ação que cada um realiza sobre si mesmo. [...] Desse modo, os livros de autoajuda, tanto quanto os discursos educativos institucionalizados, ainda que díspares nas suas condições de produção, na sua aceitação e no seu reconhecimento pelas comunidades acadêmicas e científicas, permitem perceber o funcionamento de práticas dirigidas para o autogoverno, isto é, para a condução da própria conduta, evidenciando um privilégio nas práticas de individualização que, parece-me, orienta as ações formativas contemporâneas (p. 19-20).

Esse aspecto corrobora também com a pesquisa acerca da influência da autoajuda no trabalho docente de Arnosti, Souza Neto e Benites (2019):

[...] se os primeiros livros de autoajuda incentivavam os trabalhadores a fazerem algo para elevar seu status nos sistemas fabris, para lidarem com as possibilidades que se abriam na sociedade capitalista-industrial, hoje a LA [literatura de autoajuda], no âmbito da educação parece estar voltada à resolução de um dos problemas centrais que acomete o ensino do século XXI: os desafios para lidar com os próprios alunos, com os conflitos que são inerentes a essa relação, com a pluralidade de culturas presente na sala de aula, a qual se alavancou a partir do momento em que a educação se torna um direito para todos e um dever do Estado (p. 437).

Meu foco se coloca não apenas nas práticas pedagógicas presentes na autoajuda, mas em como paulatinamente as produções da literatura de autoajuda voltaram-se à área da Educação. As pesquisas de Carine Winck Lopes (2012; 2016) são exemplares nessa questão ao diagnosticarem uma firme presença de obras de autoajuda não só nas leituras de estudantes do curso de pedagogia como também sendo indicadas por professores da área da Educação durante o processo formativo. É nessa aproximação de uma crescente produção discursiva em torno da fixação e condução de si diante de uma notável crise de governamentalidade atual – isto é, uma tempestuosa negação de como e por quem se vem sendo governado – da

autoajuda e a área da Educação que busquei analisar que tipo de emergência de uma categorização do sujeito indisciplinado vem acontecendo.

Desse modo, na delimitação da pesquisa, fiz um recorte que colocou o autor Augusto Cury, escritor, psiquiatra e organizador de cursos sobre saúde mental e método educacional, no centro das análises devido à sua alta circulação e amplo foco na área da Educação. Escolha essa que será pormenorizada na seção seguinte na qual discutirei os caminhos metodológicos deste estudo. Os resultados que neste texto serão mostrados são um recorte de uma pesquisa maior (AUTOR, 2020) na qual tratarei no presente artigo de uma das categorias e que será aprofundado na terceira seção: Indisciplinado Incompetente. Por fim, na última seção, abordarei breves considerações finais e algumas linhas possíveis para continuidade de pesquisas acerca deste tema.

Caminhos metodológicos

Desde a graduação o problema da indisciplina se arrasta logo ao meu lado enquanto caminho. Durante reuniões de estágio, conversas com amigos, experiências em sala de aula e conversas com professores em escolas, estava lá o personagem restrito e ao mesmo tempo tão geral que é o estudante indisciplinado na sala de aula. Entretanto algo atravessava as discursividades que eu me atentava. Um certo teor genérico que funcionava como um guarda-chuva que encaixa uma diversidade de situações e, ao colocar em sua sombra, deixava de ser questionado em sua especificidade e reduzia-se a uma questão: como resolver? Olhar para uma prática divisora como essa e tensionar seu caráter produtivo nos serve para estranhar o naturalizado. Como diz Popkewitz (2008, p. 199): “Quando se faz as ações dos indivíduos aparecer como naturais, existe uma tendência a perder de vista a forma como agendas e categorias que definem oposições são historicamente formadas. Os sistemas de relevância são tomados como dados”.

Um dos primeiros movimentos para o desdobramento deste estudo foi direcionar o modo de olhar. Presente na linha de pesquisa de Estudos Culturais em Educação de uma vertente pós-estruturalista e com um foco nos estudos foucaultianos, precisei também delimitar com qual domínio dos estudos de Foucault lidar. Sobre tudo ao compreender o desenvolvimento do que me propus como uma análise discursiva de inspiração foucaultiana. Seguindo a discussão de Veiga-Neto (2000; 2016), ao

invés de dividir a produção de Foucault por métodos ou temas, buscar compreender a partir de modos de problematização nos coloca a pensar em domínios. Domínios de Ser-saber, modo de nos tornarmos sujeitos de conhecimentos; Ser-poder, como sujeitos de ação; e Ser-consigo, como sujeitos constituídos pela moral. Dito isso, afirmo que lidei centralmente com o domínio do Ser-poder, estando atento às práticas que articulam saber e poder que produzem certa categorização do indisciplinado, sobretudo aos modos de enxergar essas questões da disciplina do Foucault de *Vigiar e Punir* (Foucault, 2014) e inspirações de análise discursiva de *A ordem do discurso* (Foucault, 1996). Alio-me também às discussões mais atuais de Grégoire Chamayou (2020) para pensar com a noção de governabilidade ao buscar as formas específicas, principalmente as neoliberais, de produzir não somente as técnicas, mecanismos e outras formas mais atreladas à governamentalidade como também a possibilidade de governar de determinada maneira.

Para a constituição de uma maquinaria escolar (Varela & Alvarez-Uría, 1992) foi necessário tanto estabelecer quem frequentaria tal espaço quanto quem e com que saberes ali se atuaria. Paredes são criadas para estipular saberes internos e externos, verdadeiros ou falsos. Regimes de verdade e ordens discursivas irrompem e constantemente se atualizam. Entretanto, a tensão de uma disputa pelo espaço escolar vem se mostrando de particular interesse de áreas que muitas vezes eram tomadas como externas às bordas educacionais. Compreendo assim uma proliferação de transbordamentos. Olhando para essa tensão na superfície dos encontros que um parâmetro foi crucial para a delimitação do objeto de análise: a circulação.

Augusto Cury já teve suas obras publicadas em mais de 70 países e mais de 30 milhões de exemplares de seus livros vendidos, sendo assim um dos autores mais vendidos no Brasil nas últimas décadas². Entretanto é preciso levantar uma questão sobre a maneira que tratarei esse recorte. Mesmo focando nas obras de Augusto Cury que foram selecionadas, não o analiso como um autor-inventor, consciência que instaura discursos que precisam ser vistos em sua interioridade documental, mas sim em sua exterioridade monumental. Compreendo autor, dessa forma, como parte de um princípio de rarefação e dispersão discursiva. Como Foucault (1996) aponta em sua aula *A ordem do discurso*,

O autor não entendido [...] como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso,

² Informações em Cury (2019).

como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. [...] pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer (p. 26-29).

Assim, utilizo o autor como uma exemplaridade em vistas de analisar as condições em que ele serve como um nó de coerência. Autor que sustenta enunciações ao canalizá-las em suas obras e, com isso, atentar-me à emergência de elementos para a categorização do indisciplinado atual que esteja presente nessas produções. Buscando, em uma análise discursiva de inspiração foucaultiana, as condições históricas e as linhas que entrelaçam as discursividades em uma rede de teias discursivas ao produzir determinado sentido e não outro em certas possibilidades de emergência. Como Foucault (2019) aponta em seu texto *Nietzsche, a genealogia e a história*,

A emergência é [...] a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua juventude. [...] Ninguém é [...] responsável por uma emergência; ninguém pode se autoglorificar por ela; ela sempre se produz no interstício (p. 67-68).

Em busca de delimitar as obras, busquei resumos no site do autor e das editoras em que ele publicou seus livros e fui gradualmente reduzindo as possibilidades a partir de dois critérios: serem direcionados para a área da Educação – pais e professores, os educadores como o autor comumente diz – e tematizarem a indisciplina de algum modo. Assim, o corpus analítico foi estabelecido com quatro obras: *Pais brilhantes, professores fascinantes* (Cury, 2018a); *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (Cury, 2015); *20 regras de ouro para educar filhos e alunos* (Cury, 2017) e *Socorro, meu filho não tem limites!* (Cury, 2018b). Dessas, fiz uma leitura completa e atenta, produzindo anotações gerais de tudo o que chamava atenção. Elaborei anotações em documento *Word* junto da indicação do nome da obra e página, colocando os excertos em sequência separados apenas por ponto e vírgula, o que resultou em torno de 23 páginas. Num próximo momento, passei a ler e reler apenas a sequência de excertos para que recorrências surgissem e possibilitassem relações e delimitações a partir das recorrências e, assim, criar divisões analíticas. Com isso, formulei três quadros com em torno de 80 páginas, um quadro para cada eixo de recorrências. De acordo com a grande quantidade de material organizado, fui estipulando marcações nos excertos a serem utilizados no corpo do texto de acordo com o que me parecia mais produtivo. Por fim, surgiram três categorias e a criação de respectivos quadros: (1) *O que diz Augusto Cury sobre o sistema educacional contemporâneo?* (2) *O indisciplinado*

patológico e (3) *O indisciplinado incompetente*. Apenas o eixo que pude estabelecer como indisciplinado incompetente será abordado neste artigo, organizado em três divisões: *Causas, Gestão e resolução e Características*. Todas as obras que compõem o *corpus* foram analisadas, porém nem todas, necessariamente, terão excertos inseridos no presente texto. As escolhas dos excertos foram feitas a partir da concentração dos elementos que considere exemplares e buscando evitar um excesso textual em detrimento da discussão analítica. Ressalto, portanto, que este texto parte de um recorte e a pesquisa completa pode ser encontrada na pesquisa da dissertação (Machado, 2020).

Indisciplinado incompetente

Durante toda a pesquisa uma articulação surgiu de forma bastante significativa para entender as condições atuais: a disciplina e os dispositivos de seguridade. O risco funciona como uma dobradiça consistente em muitos aspectos no governo dos indivíduos, como será retomado a seguir. Abordando as condutas e o governo da vida, Cury se aloca no exercício de biopoder que podemos compreender na esteira do que Foucault (2008b) aponta como necessidade de cuidar e multiplicar a possibilidade da vida da população. Nessa preocupação que as ciências terapêuticas – nas quais Cury se insere como autoridade da Psiquiatria –, a noção de risco torna-se fundamental na articulação com a Educação. Articulação essa que Foucault (2008b) nos ajuda a entender quando diz que a

disciplina é essencialmente centrípeta. Quero dizer que a disciplina funciona na medida em que isola um espaço, determina um segmento. A disciplina concentra, centra, encerra. O primeiro gesto da disciplina é, de fato, circunscrever um espaço no qual seu poder e os mecanismos do seu poder funcionarão plenamente e sem limites. (...) Em vez disso, vocês vêem que os dispositivos de segurança (...) são o contrário, tendem perpetuamente a ampliar, são centrífugos. Novos elementos são o tempo todo integrados, integra-se a produção, a psicologia, os comportamentos, as maneiras de fazer dos produtores, dos compradores, dos consumidores, dos importadores, dos exportadores, integra-se o mercado mundial. Trata-se, portanto, de organizar ou, em todo caso, de deixar circuitos cada vez mais amplos se desenvolverem. Em segundo lugar, segunda grande diferença: a disciplina, por definição, regulamenta tudo. A disciplina não deixa escapar nada. Não só ela não permite o *laisser-faire*, mas seu princípio é que até as coisas mais ínfimas não devem ser deixadas entregues a si mesmas (p. 58-59).

Enquanto a disciplina se preocupa em impedir certas coisas para se apropriar, moldar e produzir outras, de acordo com uma necessidade de projeto de excelência,

a segurança observa e quantifica o que é feito para, assim, conhecendo como é feito e a média geral do que e como é feito, poder tratar e corrigir. Como destacou Foucault (2008b, p. 63-64),

Um dispositivo de segurança só poderá funcionar bem [...] justamente se lhe for dado certa coisa que é a liberdade, no sentido moderno que ela adquire no século XVIII: não mais as franquias e os privilégios vinculados a uma pessoa, mas a possibilidade de movimento, de deslocamento, processo de circulação tanto das pessoas como das coisas. E é essa liberdade de circulação, no sentido lato do termo, é essa faculdade de circulação que devemos entender, penso eu, pela palavra liberdade, e compreendê-la como sendo uma das faces, um dos aspectos, uma das dimensões da implantação dos dispositivos de segurança.

Com isso, os procedimentos e as tecnologias para maximizar as forças dos corpos destacam diferenças que podemos ver muito menos como uma imposição da norma e mais como a conformação e regulação com o normal. Normal esse não simplesmente inventado ou idealizado, mas percebido a partir da média, das estatísticas da população. Um deslocamento da ênfase do permitido ou não para o quanto pode ou não ser suportado.

Ao focar não na indisciplina, e sim no indisciplinado, busco agir por um deslocamento em relação a maior parte das pesquisas que vêm sendo produzidas sobre o assunto, não olhando para as ações indisciplinadas de maneira universalizante e tampouco focando apenas em como lidar com elas na prática docente (Aquino, 1998; 2011; 2016), mas sim atentando-se a como um ou outro estudante é posicionado como indisciplinado. É, deste modo, muito mais uma questão de exame, da visibilidade que busca encaixar o indivíduo em uma norma escolar. Compreendê-lo em sua normalidade ou anormalidade. Jorge Larrosa (2008) ajuda-nos a pensar sobre esse ponto ao dizer que a “distribuição histórica do que se vê e do que se oculta vai em paralelo com a distribuição do que se diz e do que se cala” (p. 65). Ainda, apoiando-se em Foucault, diz que “O discurso da pedagogia tal como é tratado em *Vigiar e Punir*, sobretudo em relação a esse aparato ao mesmo tempo ótico e enunciativo que é o exame, constitui simultaneamente a subjetividade do professor e a do aluno” (p. 67). É por esse caminho que compreendo um entrelaçamento, uma rede que produz discurso ao olhar e produz olhares com discurso. É nesse sentido que o exame é produzido, sustentado e renovado constantemente a partir de discursividades que conduzem condutas de modos específicos.

Há, entretanto, uma intensa discussão atual entre modos de subjetivação escolares que soam conflitantes: uma de continuidade disciplinar e outra, em ascensão, que se movimenta a partir da racionalidade neoliberal. Importante salientar que compreendo como racionalidade neoliberal não uma ideologia ou sistema econômico, e sim, na esteira de Foucault (2008a), bem como de Dardot e Laval (2016), um modo de existência que tem como modelo a forma empresa, produzindo a todos como empresários de si mesmo e colocando a concorrência como um imperativo permanente. Racionalidade essa que produz uma densificação do enfraquecimento do coletivo e um fortalecimento da individualização de tal modo que a noção de sujeito também vem funcionando menos para determinadas análises. Deste modo, por dentro da análise, aponto para meu objeto de estudo como indivíduos indisciplinados.

Como a maioria das questões foucaultianas, não há uma substituição da forma disciplinar para a neoliberal ao se produzir escola, mas encaixes, articulações, disputas entre um sujeito que precisa se submeter a formulações disciplinares e outro que não pode se submeter, e sim produzir a si mesmo o tempo todo para melhor desempenho. É por dentro das discussões de desempenho e concorrência da racionalidade neoliberal na educação que começo abordando essa análise pelo uso da palavra *incompetente* para adjetivar essa maneira de categorizar o indisciplinado, bem como as dificuldades dessa escolha.

Um dos percursos pelos quais passei foi buscar algo que denominasse a característica tão forte que é a concorrência, como por exemplo “inconcorrente” ou “inconcurrenial”, pois muitos elementos que surgiam na análise mostrava a importância dessa questão. Entretanto, provavelmente já fica explícito que tanto essas quanto outras palavras que encontrei como opostas à concorrência são bastante incomuns e acabaram não cumprindo a função que eu buscava no momento. Sem me demorar nessa questão, digo que cada vez mais percebi a importância de relacionar o que encontrei nesta investigação com movimentos de políticas educacionais no Brasil. O que trouxe à tona certo léxico que tem ficado mais forte acerca das nomenclaturas em volta da emoção. Presentes, inclusive na Base Nacional Comum Curricular, a política normativa que exerce maior força na Educação Básica atualmente. Nesse caminho me deparei com o que veio a fazer parte deste título e desta forma de categorizar um indivíduo indisciplinado: alguém que vemos como inapto a desenvolver as competências necessárias para agir na sociedade atual. A Base Nacional Comum Curricular (2017) nos ajuda a compreender da seguinte forma:

[...] competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (p. 8).

Nesta citação consta uma definição sucinta e útil, cuja finalidade é promover o entendimento do significado que circula na formulação das políticas educacionais atualmente, assim como esclarece as relações com o mundo do trabalho e tem como foco lidar com demandas complexas da vida. Em suma, adaptar-se às demandas para melhor lidar com elas. É importante reforçar que, ao dizer isso, posiciono tanto a nomeação deste eixo já como parte da análise, quanto considero que essa já dá pistas para pensar que não poderíamos, em outra época, categorizar e reconhecer um indivíduo na escola como indisciplinado da mesma forma que agora. Se sua competência é uma forma de compreendê-lo, então uma das formas de compreender o deslocamento dessa noção já começa a ser formada.

Mesmo que eu não vá abordar com profundidade as discussões em torno da patologização, é importante ressaltar que Augusto Cury se coloca na posição de uma autoridade sustentada na formação, experiência clínica e palestrante psiquiatra. É essa posição de legitimidade que é posta ao falar sobre e para a área da Educação ancorado aos saberes psis como saberes privilegiados sobre as condutas. Dessa maneira que Cury, quando aborda uma certa causalidade desses indisciplinados na escola se ampara em uma lógica do trauma, da psiquê, dos cortes no inconsciente para o que vem a ser desenvolvido depois.

As grandes teorias educacionais não estudaram os papéis da memória. Por isso, elas não perceberam que bastam dois anos em que os alunos se sentam enfileirados na escola para gerar um trauma inconsciente. Um trauma que produz um grande desconforto para expressar as opiniões em reuniões, falar 'não', discutir dúvidas em sala de aula (Cury, 2018a, p.124).

A partir disso, o autor desenvolve uma constante argumentação que é atravessada por uma responsabilização do sistema educacional da seguinte maneira: causas sociais, cura educacional. As teorias educacionais, o sistema educacional, os educadores, neste momento, não causam patologias, mas, sobretudo, agravam dificuldades por vias traumáticas. Entretanto também pode curar, se feito de outra forma. A competência que se pode ter, futuramente, em uma reunião e discutir dúvidas no mercado de trabalho, está imbricada diretamente na suposta repressão que o sistema educacional apresenta, seja por sua maneira de ensinar ou, como muitas vezes é dito por Cury, por sua estrutura de sala de aula em que um permanece vendo a

nuca do colega sem poder ter uma comunicação adequada. Mecanismos disciplinares são atrelados a um reforço de condutas que serão de incompetentes. Incompetentes perante ao que o mundo de hoje e a forma em que cada um precisaria ser para, ao mesmo tempo, se adaptar ao mundo com uma profunda resiliência e ser o protagonista da própria história.

Se os problemas são amplos e complexos, se há questões externas a si, políticas e coletivas, esses precisam ser pouco importantes pois o que é decisivo na vida é como cada um, com as ferramentas necessárias – que veremos a seguir –, lida com isso. Podemos observar isso em excertos como este: “O maior vilão da qualidade de vida do homem moderno não é seu trabalho, nem a competição, a carga horária excessiva ou as pressões sociais, mas o excesso de pensamentos” (Cury, 2018a, p. 61). A individualização precisa ser impulsionada, fortalecida, requisitada de tal maneira que o foco seja na aprendizagem e na gestão dos indivíduos e os educadores atuem como distribuidores das ferramentas adequadas para que cada um seja capaz de se gerir.

Seguindo para a próxima divisão, Gestão e resolução, entendo que o incompetente é gradualmente colocado pelo autor como um indisciplinado grave. Talvez não somente grave, mas um personagem enfaticamente adverso, abjeto ao cotidiano escolar que vem sendo almejado. Não adverso a uma ordem ou a um poder disciplinar totalizante, mas adverso às condições necessárias para uma Educação em que cada um aprenda a produzir-se e investir em si mesmo adequadamente em uma lógica de progresso, de mercado e de alocação em certos itinerários formativos de um indivíduo. A abordagem do autor a diversos temas ancorado em uma forma de mercado é de especial importância para esta discussão, por isso trago alguns excertos que exemplificam a constância dessa articulação:

Se você tem um inimigo, fica mais barato perdoá-lo (Cury, 2018a, p. 24).

Os psiquiatras, os médicos clínicos, os professores e os pais são vendedores de esperança, mercadores de sonhos (Cury, 2018a, p. 102).

Dar conselhos e orientações sem emoção não gera “momentos educacionais” no mercado da memória (Cury, 2018a, p. 109).

O indisciplinado é, dessa forma, um entrave individual e coletivo para o manejo educacional de um ambiente que produza e prepare cada um como uma empresa, mas uma empresa saudável e com emoções devidamente alinhadas e equilibradas.

A melhor punição é aquela que se negocia. Pergunte aos jovens o que eles merecem pelos seus erros (Cury, 2018a, p. 95).

[Paulo] Começou a perceber que ele mesmo era seu pior carrasco, que ninguém poderia fazer-lhe mal se ele não permitisse. Precisava fazer escolha, traçar seu destino. Foi apenas o começo de uma longa e sinuosa estrada que teria de percorrer (Cury, 2015, p. 125).

No primeiro excerto podemos notar essa analogia que o autor busca no mercado e em funções econômicas como a negociação. No cerne da gestão desse indisciplinado está uma negociação mercadológica. Não estou dizendo que o autor tem em suas enunciações uma ação puramente mercantil e que nos diz para tratarmos o aluno como produto. Não se trata disso. O que busco argumentar é que vejo nesse excerto uma articulação contundente com a discursividade mercadológica anteriormente abordada. Já no segundo excerto, temos um anúncio de resolução às avessas. Paulo, esse personagem usado em uma das narrativas ficcionais de Cury, nos mostra o que não se pode ter para um destino de sucesso e, com isso, Cury nos diz que só dependeria de Paulo dar ou não a permissão para que lhe façam mal. E, somente com um destino bem traçado, isto é, com um projeto de vida bastante delimitado, mas ao mesmo tempo aberto e flexível, se poderia alcançar o sucesso desejado. A seguir, passo para a próxima divisão argumentativa, Características, essa que penso ser a mais relevante para o que abordo neste estudo.

A capacidade de reclamar é o adubo da miséria emocional e a capacidade de agradecer é o combustível da felicidade. [...] Os jovens que se tornam mestres em reclamar tem grande desvantagem competitiva. Dificilmente conquistarão espaço social e profissional. Alerta-os! (Cury, 2018a, p. 40).

Reconheço neste excerto o início das características de um indisciplinado incompetente: ele reclama. A reclamação, segundo Cury, só pode levar a uma miséria emocional, pois é agradecendo, independentemente das condições em que vivemos, que seremos felizes. Ser feliz, deste modo, é, antes de mais nada, uma ausência para com o entorno e com os outros. Saber se relacionar com os outros parte unicamente de saber nutrir o próprio Eu, de alcançar domínio sobre o próprio Eu. Cury nos deixa explícito que reclamar, em vez de buscar as soluções necessárias, trará uma desvantagem competitiva em vez de conquistas. Passo para algumas exemplificações das características via narrativas mais diretas e extensas propostas pelo autor.

Romanov disse que, certa vez, na Austrália havia uma jovem chamada Karen. Ela era sociável, bem-humorada, divertida, supervalorizava seus longos cabelos loiros e tinha um grande sonho, o de ser médica pediatra, mas era indisciplinada, não estudava para as provas, não lia livros, não tinha garra. Os amigos não davam nenhum crédito a ela quando dizia que ia ser pediatra (Cury, 2015, p. 65).

Dedicou-se com disciplina ao seu tratamento. [...] Sua autoestima melhorou, seu ânimo reacendeu. Por fim, Karen triunfou, venceu o câncer. [...] Além disso, Karen foi disciplinada em outra coisa: na transformação do seu sonho em realidade. Ela, que não morria de amor pelos estudos, começou a se destacar, estudava não apenas para as provas, mas por causa do seu projeto de vida. Começou a ler livros, jornais, interpretar melhor os textos, debater ideias. Assim, passou a ter um ótimo desempenho na escola (Cury, 2015, p. 70).

Trata-se da história, a partir da ficção apresentada no livro *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (2015), que conta o encontro do professor Romanov (o protagonista e professor modelo) com uma aluna chamada Karen. Karen tinha um sonho, uma meta, entretanto era indisciplinada. Não se empenhava nos estudos, tinha mau comportamento na escola, e, por isso, mesmo os seus amigos desacreditavam quando contava que sua meta era ser pediatra. Ser indisciplinada a impossibilitaria de ter sucesso, era preciso mudar. A história se desenvolve e não entrarei nas minúcias do que a fez mudar, mas foi com essa mudança tão necessária que ela transformou sua conduta. Ela tornou-se uma pessoa disciplinada. Há uma relação direta entre a sua mudança de conduta e a aprendizagem conquistada em direção a suas metas.

Ao retomar o controle de suas emoções, gerir-se adequadamente, ser protagonista da própria história, Karen supera a doença e é reposicionada na história como alguém que pôde se tornar disciplinada. É com pequenas práticas disciplinares que a aluna que Cury nos mostra “passou a ter um ótimo desempenho na escola” e alcança, futuramente, seu sonho de ser pediatra.

Como sempre foi um péssimo aluno na escola da vida, colhia os frutos que plantou. Nos últimos tempos, estava desempregado, só fazia serviços temporários aqui e acolá. O Robert autoritário dos tempos do colégio desapareceu. Andava ansioso, abatido. Sentia vergonha das pessoas. Atrasava o aluguel da casa (Cury, 2015, p. 128).

Nesta outra história, Cury nos traz um exemplo de como a indisciplina implica uma vida adulta de fracasso. O professor Romanov mostra para o leitor como foi a vida de Robert, um aluno péssimo, agressivo, egocêntrico, autoritário, que atrapalhava as aulas e que, portanto, apenas colheu os frutos que plantou. Responsabilizando unicamente o próprio indivíduo por todas essas questões. Como aponta Chamayou (2020, p. 300), “A força psicológica dessas táticas [de responsabilização] é que elas dizem algo muito agradável de ouvir, algo de verdadeiro também, contanto que seja concebido adequadamente: tudo está nas suas mãos, você tem o poder de ‘fazer a diferença’”.

A necessidade é muito menos formar, ensinar, construir, e muito mais investir nesse projeto competitivo que é o Eu atrelado a esse regime de verdade. Conhecer-se e transformar-se. O ensino é pouco importante, toma o seu lugar a gestão. Precisamos ter competência para gerir a distribuição das ferramentas de aprendizagem para que, com essas ferramentas, cada um consiga gerir a si mesmo e faça de si a plena representação das características necessárias para a competitividade. Determinação, criatividade, empreendedorismo e demais características, essas devem ser parte do que se é. Um outro adendo a esse excerto: para que os educadores consigam distribuir e gerir o que é preciso de forma adequada, é preciso algo a mais do que vinha aparecendo nas enunciações. É preciso fazer com que os indivíduos aprendentes sintam que são importantes. Não é o caso de discutir a importância do ensino ou da relação pedagógica que é envolvida no ato de ensinar, mas é importante que a sensação, sentir emocionalmente, como alguém que é importante nesse espaço de aprendizado e capacitação para as competências e habilidades requeridas.

Bons jovens têm sonhos ou disciplina. Jovens brilhantes têm sonhos e disciplina. Pois sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas, que nunca transformam seus sonhos em realidade, e disciplina sem sonhos produz servos, pessoas que executam ordens, que fazem tudo automaticamente e sem pensar (Cury, 2015, p. 71, grifo do autor).

Importante abordar a maneira como o autor usa as letras grifadas em negrito, por vezes para salientar algo em simples destaque e outras, como neste caso, como momentos que o autor busca criar máximas. Um momento de síntese das ideias que ele previamente expôs para que, com poucas palavras, se expresse o que é desejado ao ponto de ser repetível e reaplicável. Cury deixa claro que para que o aluno progrida, sendo ele empresário de si mesmo e flexível, é necessário, sim, disciplina. Entretanto, como venho buscando compreender e expor nesta investigação, não se trata de um retorno a uma ênfase de poder disciplinar. Mas sim de uma atualização do discurso em torno da disciplina a partir de pequenas práticas disciplinares difusas e da introjeção do discurso disciplinar na norma escolar e, portanto, na categorização dos indivíduos aprendentes. Compreendo que esse ponto se articule de uma forma bastante produtiva com a discussão genealógica em torno do liberalismo autoritário e as formas de produzir indivíduos governáveis de Chamayou (2020). Sobretudo ao olhar para o indisciplinado como engendrado ao ingovernável. Sobre esse, o autor nos diz que

a própria história do termo “ingovernável” poderia ter nos deixado com a pulga atrás da orelha. Antes de ser reintroduzida em teoria política, essa

palavra pertencia ao vocabulário policial, designando, em particular no contexto do “policiamento das crianças”, “má conduta não criminal”. Qualificar um menor de “ingovernável” permitia à administração, na própria ausência de infração ou delito, pela simples justificativa de desvios de conduta repetidos, submetê-los a medidas de coerção ou de reeducação. Quando as classes dirigentes reclamam da ingovernabilidade de seus sujeitos, reciclando em política uma categoria que serve, aliás, para justificar a submissão de uma pirralhada incorrigível à tutela policial, cabe esperar que elas recorram a procedimentos similares (p. 323-324).

Parece-me ser necessário deixar explícito, assim, que, mais do que uma relação direta com a noção criminal do policiamento dessa questão no âmbito político, está a forma de categorização ingovernável/indisciplinado como uma dobradiça dessa tutela de má conduta, bem como o que é essa má conduta e, portanto, quem são esses indivíduos. Características, gestão e causas alicerçadas em discursividades específicas.

Considerações finais

Ao analisar as obras selecionadas como uma exemplaridade de um nexos entre outros da rede discursiva que vem sendo produzida no transbordamento da literatura de autoajuda na Educação, pude expor alguns traços que contribuem para a compreensão de uma das práticas de categorização desse personagem mais amplo que é o indisciplinado. No caminho em que busquei as recorrências dessas discursividades, pude adjetivar esse indisciplinado como incompetente, relacionado à tônica do desempenho e competência atual e tendo características de alguém que reclama, é agressivo, inquieto, perturba a aula por prejudicar a si e aos outros na aprendizagem da autogestão e repete os mesmos erros com frequência, sendo um inflexível e de fraca resiliência para enfrentar os desafios da vida e ter sucesso no futuro. O fracasso futuro torna-se sina de uma incompetência atual deste indivíduo incorrigível e ingovernável.

As causas dessas características são apontadas como problemas sociais que introjetam excessos de informações, mas que são desafios que só podem ser solucionados por cada indivíduo atuando sobre si mesmo. Para esses problemas sociais, a remodelação e corrigibilidade precisam ser educacionais, porém o ensino é visto como pouco importante. A força dos educadores, pais e professores não é ato de ensino, mas a de distribuir adequadamente as ferramentas para que cada um adquira as habilidades e competências para uma gestão adequada e resolução dos próprios

problemas. Desse modo, os resultados da pesquisa apontam para um indisciplinado específico de uma produção de sujeitos individualizados, reconhecidos a partir de suas competências e responsabilizado a todo momento pela gestão de sua própria vida. O futuro sucesso ou fracasso está ligado a um funcionamento economicizado da vida. Estar atenta/o a essas questões é também estar atenta/o a um indisciplinado que não é um universal fora de seu tempo, mas sempre ligado às suas condições de possibilidade.

Referências

- Aquino, J. G. (1998). A indisciplina e a escola atual. *Revista da Faculdade de Educação*, 24(2), 181-204. <https://doi.org/10.1590/S0102-25551998000200011>
- Aquino, J. G. (2011). Da (contra)normatividade do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente. *Cadernos de Pesquisa*, 41(143), 456-484. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000200007>
- Aquino, J. G. (2016). Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, 46(161), 664-692. <https://doi.org/10.1590/198053143670>
- Arnosti, R. P., Souza Neto, S., & Benites, L. C. (2019). A socialização profissional do professor e a escolar: em questão, a influência da Literatura de Autoajuda no trabalho docente. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 16(46), 404-443. <https://doi.org/10.5935/2238-1279.20190113>
- Chamayou, G. (2020). *A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário*. São Paulo: Ubu.
- Cury, A. (2015). *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (2a ed.). São Paulo: Planeta.
- Cury, A. (2017). *20 regras de ouro para educar filhos e alunos: como formar mentes brilhantes na era da ansiedade*. São Paulo: Planeta.
- Cury, A. (2018a). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Cury, A. (2018b). *Socorro, meu filho não tem limites! Manual prático para educar filhos ansiosos, mas muito inteligentes*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- Cury, A. (2019). *Página principal*. Recuperado em 10 de junho de 2019 de <http://www.augustocury.com.br/>

- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Foucault, M. (1995). O sujeito e o poder. In H. L. Dreyfus, & P. Rabinow (Orgs.), *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970* (3a ed.). São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2008a). *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008b). *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2019). *Microfísica do poder* (9a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Larrosa, J. (2008). Tecnologias do eu e educação. In T. T. Silva (Org.), *O sujeito da educação: estudos foucaultianos* (6a ed., pp. 35-86). Petrópolis: Vozes.
- Lopes, C. W. (2012). *Práticas de leitura de professoras na contemporaneidade & Literatura de autoajuda* (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Lopes, C. W. (2016). *Presença do gênero autoajuda na formação de professores: práticas de leitura de estudantes em cursos de Pedagogia* (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Machado, D. G. (2020). *A categorização do indisciplinado na escola atual: uma análise a partir do transbordamento da literatura de autoajuda na Educação* (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Marín-Díaz, D. L. (2012). *Autoajuda e educação: uma genealogia das antropotécnicas contemporâneas* (Tese de doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Ministério da Educação. (2017). *Base nacional comum curricular (BNCC)*. Brasília: o autor.
- Varela, J., & Alvarez-Uria, F. (1992). Amaquinaria escolar. *Teoria e Educação*, (6), 68-96.

Veiga-Neto, A. (2000). Michel Foucault e os estudos culturais. In M. V. Costa (Org.), *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema* (pp. 37-69). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Veiga-Neto, A. (2016). *Foucault e a Educação* (3 ed.). Belo Horizonte: Autêntica.

Submetido em: janeiro de 2023

Aceito em: abril de 2023

Sobre o autor

Dimitrius Gonçalves Machado

Doutorando em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduado em Licenciatura em Música pelo Centro Metodista Instituto Porto Alegre (IPA). Graduado em Licenciatura em Filosofia pela Uninter. Pesquisa nas áreas de Estudos Culturais e estudos foucaultianos em Educação. E-mail: dimigm13@hotmail.com